

METROPOLITANA



ORQUESTRA
ACADÉMICA
METROPOLITANA

ORQUESTRA
CLÁSSICA
METROPOLITANA

SEX
27 MAI
21H00

AUDITÓRIO
DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

Tchaikovsky

Dvořák

Raquel Reis Violoncelo
Jean-Marc Burfin Maestro

NOVA
UNIVERSIDADE NOVA
DE LISBOA

Raquel Reis © Vitorino Coragem

FUNDADORES



MECENAS
PRINCIPAL



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



Tchaikovsky Dvořák

Antonín Dvořák (1841-1904)

Florestas Silenciosas, Op. 68, N.º 5 (1884)

(duração aproximada: 6 min.)

Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893)

Variações Sobre Um Tema Rococó, Op. 33 (1877)

(duração aproximada: 19 min.)

Antonín Dvořák

Sinfonia N.º 8, em Sol Maior, Op. 88 (1889)

(duração aproximada: 37 min.)

I. *Allegro con brio*

II. *Adagio*

III. *Allegretto grazioso - Molto vivace*

IV. *Allegro ma non troppo*

0,5% IRS

INCLUA A METROPOLITANA NA SUA DECLARAÇÃO DE RENDIMENTOS **A FAVOR DA CULTURA**

Inscreva o **NIF 502 741 481** no **quadro 11** da folha de rosto do **Mod.3** da sua declaração e 0,5% do imposto que paga ao Estado reverte a favor da Metropolitana*.

* Associação Música, Educação e Cultura - O Sentido dos Sons



Florestas Silenciosas

Florestas Silenciosas de Antonín Dvořák foi originalmente composta em 1883 para piano a quatro mãos e transformou-se, uma década mais tarde, na versão para violoncelo e orquestra que se tornou mais conhecida. Em 1892 o próprio compositor fez uma primeira adaptação para violoncelo e piano. O propósito foi a digressão que assinalava a sua despedida da Europa, pois aceitara poucos meses antes assumir funções enquanto Director do Conservatório Nacional de Música de Nova Iorque. Nessa digressão, fez-se acompanhar pelo violinista Ferdinand Lachner e pelo violoncelista Hanuš Wihan, por muitos considerado um dos melhores violoncelistas do seu tempo. Entre amigos, percorreram assim dezenas de cidades nas regiões da Boémia e da Morávia. O sucesso desta curta e deliciosa peça foi de tal ordem que Dvořák fez mais tarde, já em Nova Iorque, uma segunda transcrição para violoncelo e orquestra, dando particular destaque aos sopros das madeiras a fim de fazer sobressair o registo bucólico da mesma.

A Pastoral de Dvořák

As sonoridades rústicas da Sinfonia N.º 8 de Dvořák assentam em intervenções instrumentais características, padrões rítmicos simples e dançáveis, uma fluência melódica invulgar e uma disposição bem humorada que não disfarça a utilização de recursos eminentemente teatrais. Esta aparência espontânea distingue-se do rigor formal da sinfonia anterior, dando azo a comparações com o pendor bucólico da segunda sinfonia de Brahms e da quarta de Mahler. Junta-se aqui Beethoven ao cenário, e poderíamos chamar-lhe a *Sinfonia Pastoral* do músico checo.

A Sinfonia N.º 8 de Antonín Dvořák foi composta entre agosto e novembro de 1889, e estreada em fevereiro seguinte na cidade de Praga. Nessa época apresentava-se como a quarta sinfonia, já que aquelas que são, efetivamente, as suas primeiras quatro sinfonias só foram publicadas postumamente, já na década de 1950. Curiosamente, também foi conhecida durante muitos anos como «Sinfonia Inglesa». Isto porque, em 1891, Dvořák apresentou a mesma partitura no âmbito do processo que lhe valeu a atribuição do Doutoramento pela Universidade de Cambridge – lembremo-nos que foi, em

parte, o prestígio conquistado em Inglaterra que catapultou a sua carreira. Ainda assim, este último episódio em nada se reflete no que se ouve. É bastante mais evidente a influência da cultura boémia, emanação das paisagens idílicas de Vysoká, o refúgio onde teve origem esta e tantas outras obras do compositor.

Trata-se de uma das suas sinfonias mais populares, obviamente precedida pela *Sinfonia do Novo Mundo*. Porém, apesar da predileção do público, foi alvo de opiniões especializadas bastante críticas, as quais a relegaram para um segundo plano de valor, considerando-a rapsódica, por vezes vagueante. Com efeito, é uma obra que se distancia do legado mais conservador de Brahms, o que não acontece com o Quarteto com Piano N.º 2, composto imediatamente antes. Tal poderia justificar-se por um momento de maior «descontração criativa», mas também há quem alegue a demarcação do sinfonismo germânico, por razões nacionalistas. E até mesmo a influência de Tchaikovsky, cuja 5.ª Sinfonia Dvořák ouviu em Praga em novembro de 1888, estudando-a minuciosamente nos meses seguintes. A possibilidade de uma digressão pela Rússia poderá ter condicionado substancialmente a sua nova composição.

Resulta evidente que Dvořák pretendia enveredar por um rumo diferente daquele seguido nas sinfonias anteriores. E assim aconteceu, dando primazia à intuição criativa e à obtenção de efeitos expressivos, com relativo sacrifício dos padrões formais instituídos. Garantiu, todavia, uma unidade orgânica na obra baseando-se na célula melódica de três notas que se ouve de início, e da qual germina grande parte das melodias que se estendem ao longo dos quatro andamentos. O primeiro surpreende pela justaposição de temas que culmina num clímax aparatoso. No segundo andamento voltam a reunir-se elementos dispersos num conjunto coerente, ora com protagonismo dos sopros ora das cordas, ora sombrio ora afável, mas sempre com melodias de efeito encantatório que são, a dada altura, interrompidas por uma fanfarra exuberante. O terceiro andamento, *Allegretto grazioso*, assemelha-se a uma valsa de cariz eslavo, com uma intermédia secção lenta onde Dvořák recupera uma ária da ópera cómica «Os amantes teimosos» que estreara em 1881. Por fim, o último andamento irrompe com mais uma fanfarra, e prossegue na forma de variações sobre a melodia prontamente apresentada pelos violoncelos.



Variações Rococó

A admiração que Piotr Ilitch Tchaikovsky tinha pela música do passado, em particular do século XVIII, é notória em várias obras que nos deixou. São os casos de alguns excertos da ópera *A Dama de Espadas* ou da *Suíte Mozartiana*. Já anteriormente, em 1877, havia ensaiado exercício semelhante nas *Variações sobre um Tema Rococó*, uma composição para violoncelo e orquestra que se revelou pioneira do Neoclassicismo.

O «tema rococó» inicial – a melodia que se ouve transformada em sucessivas variações – é da autoria do próprio compositor russo. Espelha, porém, a devoção que tinha pela música setecentista, em particular pela música de Mozart. «Rococó» é o termo que designa nas artes decorativas o estilo rebuscado, repleto de ornamentos e assimetrias que esteve muito em voga em meados do

século XVIII, primeiro em Itália e França, depois disseminado por outros países. A sua aplicação às artes musicais nunca foi consensual. Em particular, no século XIX era bastante difusa, podendo referir-se à música do barroco tardio, mas também do período clássico. Remetia sobretudo para a «música antiga». No presente caso, não se pretendia, portanto, rigor histórico-estilístico, mas sim uma evocação fantasiosa do passado, de um mundo distante idealizado.

Composta em Moscovo, entre finais de 1876 e início de 1877, esta obra consiste num conjunto de variações sobre um tema. Foi pensada para Wilhelm Fitzenhagen, um violoncelista alemão que ocupava o lugar de Primeiro Violoncelo na Orquestra da Sociedade Musical da Rússia Imperial e que também era colega do compositor, enquanto professor no conservatório da cidade. Após a estreia, aquando da publicação da obra,

Fitzenhagen introduziu alterações na partitura. Eliminou uma das oito variações originais, reordenou as restantes sete, suprimiu e reescreveu substancialmente algumas partes, de maneira a sobressair o desempenho do solista. Tchaikovsky consentiu. Com efeito, desde finais do século XVIII, o formato das variações sobre um tema era muito popular, em grande medida por ser um meio conveniente à exibição dos instrumentistas virtuosos. Confrontava-se assim a importância relativa entre as figuras do intérprete e do compositor. O instrumentista deixava de ser veículo de transmissão de algo previamente determinado – mero executante – para assumir uma função criativa determinante. Assumia-se como protagonista do evento, por vezes destacando-se mais do que os compositores e do que as próprias obras.

Textos de **Rui Campos Leitão**



© Vitorino Coragem



© David Rodrigues

Raquel Reis

Violoncelo

Natural de Coimbra, Raquel Reis estudou no Conservatório de Música de Aveiro, com Isabel Boiça. Concluiu a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, na classe de Paulo Gaio Lima. Frequentou depois a Northwestern University School of Music (Chicago), tendo concluído em 2007 o Mestrado em Interpretação com Hans Jensen. Estudou pontualmente com Anner Bylisma, Márcio Carneiro, Lluís Claret, Maria de Macedo e Xavier Gagnepain, entre outros. Obteve o 1.º Prémio no Concurso de Interpretação das Caldas da Rainha, o 2.º Prémio no Concurso de Interpretação do Estoril e venceu o Samuel and Elinor Thaviu

Endowed Scholarship Competition in String Performance (Chicago) e a Winnetka Music Club Scholarship (Chicago). Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Integra, desde setembro de 2007, a Orquestra Gulbenkian, tendo também colaborado com outros ensembles orquestrais e de música de câmara como a Orquestra de Jovens da União Europeia, a orquestra Spira Mirabilis e o Ensemble Mediterran. Apresenta-se regularmente em concertos a solo e de música de câmara e ensina pontualmente. Gravou no Rio de Janeiro o CD *Mundo Grande*, com música autoral luso-brasileira. Com o seu *Trio Pessoa*

(no qual se reúne ao violinista Otto Pereira e ao pianista João Crisóstomo) gravou ainda o CD *Pessoa*, dedicado à música portuguesa para trio com piano (com obras de António Fragoso, Vasco Mendonça e Mário Laginha), tendo contado com a participação do fadista Ricardo Ribeiro e do guitarrista Pedro Jóia. Tem participado em vários projetos de Música Antiga, Música Eletrónica, Música para Filmes, Performance, Jazz e World Music, colaborando com Mário Laginha, Peter Evans, Uri Caine, Waldemar Bastos, Mbye Ebrima, Gulami Yesildal, Salvador Sobral e Marta Hugon, entre outros.

Jean-Marc Burfin

Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário

internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no

estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

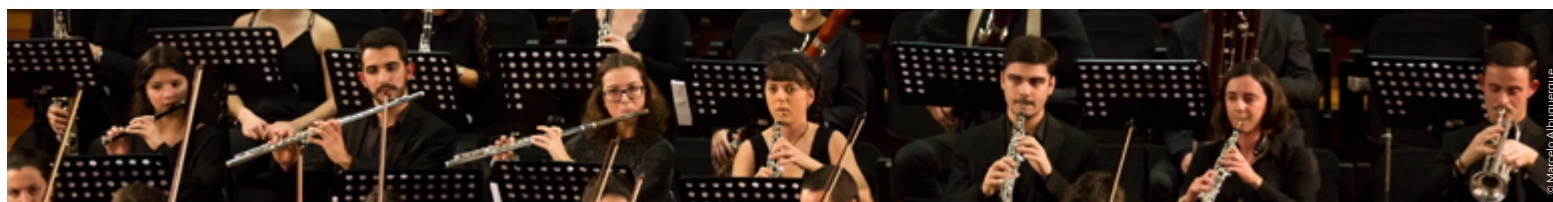
Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

Orquestra Clássica Metropolitana

São muito jovens, mas a exigência dos reportórios que tocam mostram bem o nível de formação musical a que chegaram. Sediada na Escola Profissional Metropolitana, a Orquestra Clássica

Metropolitana, sob a direção do maestro Reinaldo Guerreiro, permite aos instrumentistas a prática de conjunto essencial para o seu desenvolvimento musical.

O agrupamento, nascido no ano letivo de 2012-13, começou desde logo a desenvolver um esquema de trabalho específico, com ensaios semanais e programas a apresentar publicamente.



Orquestra Académica Metropolitana

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abrangendo um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, com o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente

temporada tem agendados seis programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.

FLAUTAS

Beatriz Marques
Leonor Paiva
Maêva Pereira
Anita Pereira

OBOÉS

Eliana Nyagu
Salomé Tomás
Rodrigo Marques
Rachel Caravante ¹

CLARINETES

Emma Amorim
Carlos Reis
Ana Catarina Pinto
Teresa Pereira

FAGOTES

Miriam Cunha
Bárbara Rosado
Daniel Cortez

TROMPAS

Helena Gabriela Santos
Carolina Morte
Ivan Branco
Filipe Lopes

TROMPETES

Rafael Simões
Maria Carolina Batista

TROMBONES

Tomás Gonçalves
Miguel Gonçalves ¹
Tiago Cortes

TUBA

Rodrigo Cardoso

TÍMPANOS

Bruno Ivan

VIOLINOS

Ana Carolina Correia
Ana Dimitrova ¹
Ana Rita Almeida
André Leal
Carolina Pardal
Clara Ramos
Clara Santos ¹
Cristiana Herculano
Filipa Braamcamp
Guilherme Reis
Inês Avelar
Inês Marques
João Pimenta Martins
José Ribeiro
Leonardo Guedes
Leonardo Martins
Leonor Santos ¹
Lía Caride
Luísa Semedo
Mária Mateus ¹
Nuno Rodrigues
Pedro Figueiredo ¹
Raquel Botelho ¹
Sónia Figueiredo

VIOLAS

Ana Alexandra Russo
André Teixeira
Camille Estevão
Francisca Bonacho
Guilherme Cecilia ¹
Núria Ribeiro ¹
Sara Valentim
Vladimira Plugaru

VIOLONCELOS

André Alves
Beatriz Correia
Catarina Alves ¹
Ester Santos ¹
Inês Coelho
Inês Simas ¹
Livia Mendes
Rui Mota

CONTRABAIXOS

Guilherme Reis
Jacinta Ferreira ¹
Gonçalo Pereira ¹
Pedro Aparício ¹

Idílios de Paz

Orquestra Metropolitana de Lisboa

MÚSICA
NA UNIVERSIDADE DE LISBOA

M/6 - BILHETES À VENDA
PREÇÁRIO: 15€ a 18€
Reservas/Informações:
relacoespublicas@metropolitana.pt
Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21
Ticketline e locais habituais
No dia e local do concerto,
a partir das 16h00

Catarina Rabaça
Rodrigo Cachucho
Atores
João Reis
Encenação
José Eduardo Gomes
Maestro

SÁB
4 JUN
17H00

AULA MAGNA
DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Obras de
Haydn
Wagner



À conversa com
Catarina Furtado

FUNDADORES



MECENAS
PRINCIPAL



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



METROPOLITANA

Diretor Executivo Miguel Honrado
Diretor Artístico Pedro Neves
Diretor Pedagógico Yan Mikirtumov
Diretora Administrativa e Financeira Fátima Angélico

Fundadores



Ministério da Cultura
Ministério da Educação (representado pelo SE Adjunto e da Educação e pelo SE da Juventude e Desporto)
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo

Mecenas Principal



Promotores

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

Parceiros em 2022

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



Parceiro Do Programa "Música E Ciência"



Patrocinador Principal



Patrocinadores



Parceiro Media



Parcerias

São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa | Museu Nacional dos Coches | Museu Nacional da Música

www.metropolitana.pt

facebook.com/metropolitana | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela produção. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

Próximos Concertos

A Sagração da Primavera

SEX 17 JUN. 21H00 E SÁB 18 JUN. 19H00

GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Teatro Praga
Orquestra Sinfónica Metropolitana
Maestro: Pedro Neves
Obra de Igor Stravinsky

Missão Impossível

SEX. 24 JUN. 19H00

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Orquestra Metropolitana de Lisboa
Oboé: Sally Dean
Tímpanos: Fernando Llopis
Maestro: Enrico Onofri
Obras de Bach, Pinho Vargas, Družický e Schubert

BILHETES À VENDA - 18€ a 30€

Ticketline e locais habituais / Reservas e Info: Ligue 1820 (24 horas)
Bilheteira do CCB todos os dias entre as 11h00 e as 20h00

BILHETES À VENDA - 15€

Reservas / Informações: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21
Ticketline e locais habituais